

Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos Tomada especial de preços de maio de 2020

Em 18 de março, devido à pandemia do coronavírus, o DIEESE suspendeu a coleta presencial de preços dos produtos que fazem parte da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos nas 17 capitais onde o levantamento é feito mensalmente (os dados parciais de março foram divulgados no final daquele mês). Ciente da importância da pesquisa, sobretudo em um momento como esse, no qual toda a economia é afetada, e para evitar um apagão de dados sobre os preços dos principais produtos básicos de alimentação, a entidade fez um esforço para repensar a forma de continuar a levantar os valores da cesta a partir de abril.

1

A solução encontrada foi uma tomada de preços nos estabelecimentos que fazem parte da amostra regular da pesquisa, por telefone, e-mail, consultas na internet e em aplicativos de entrega. Diferentemente da pesquisa presencial, a entidade encontrou inúmeras dificuldades nessa coleta, entre elas a ausência de dados em sites, aplicativos ou a recusa dos funcionários dos estabelecimentos, atribulados pelo trabalho em tempo de pandemia, em repassar os preços por telefone ou e-mail. Os problemas obrigaram o DIEESE a reduzir e modificar a amostra original.

Apesar da quebra na amostra, os dados apurados revelaram tendências semelhantes de alta ou queda em todas as capitais, coerência que permite a divulgação das informações capturadas. Entretanto, é importante levar em consideração que as variações em relação a abril devem ser relativizadas, uma vez que o preço médio de maio é resultado não só da atual conjuntura, mas do fato de não ter sido possível seguir

à risca a metodologia da pesquisa. Sem a coleta presencial, os preços podem estar subestimados ou superestimados, pois: 1) os dados captados pela internet referem-se mais a grandes redes varejistas, que têm lojas online; 2) nem sempre foi possível captar promoções nos preços dos produtos; 3) no caso de alguns produtos, foi preciso coletar o preço de marcas diferentes das habitualmente pesquisadas.

A pesquisa à distância foi realizada em 16 capitais. Na cidade de São Paulo, o DIEESE manteve a coleta de preços presencial, com número menor de pesquisadores e em horários em que os estabelecimentos estavam mais vazios.

As feiras livres, que também fazem parte da pesquisa regular, foram excluídas da tomada, por razões óbvias.

Resultados obtidos na tomada de preço

2

- Os dados da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos (tomada especial devido à pandemia do coronavírus), realizada pelo DIEESE, indicaram que os preços do conjunto de alimentos básicos necessários à alimentação de uma pessoa adulta (conforme Decreto-lei 399/38) aumentaram em oito capitais e diminuíram em nove, em relação a abril.
- Em São Paulo, única capital onde foi realizada coleta presencial, a cesta custou R\$ 556,36 e quase não apresentou variação (0,02%) na comparação com o mês anterior. No ano, o conjunto de alimentos aumentou 9,84% e, em 12 meses, 9,72%.
- Com base na cesta de maior valor, ou seja, a do Rio de Janeiro, que custou R\$ 558,81, o DIEESE estima que o Salário Mínimo Necessário deveria ser de R\$ 4.694,57 em maio, o equivalente a 4,49 vezes o mínimo vigente de R\$ 1.045,00. O cálculo é feito levando em consideração uma família de quatro pessoas, com dois adultos e duas crianças.

- O tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta, em maio, foi de 100 horas e 58 minutos, menor que em abril, quando ficou em 101 horas e 44 minutos.
- Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social (alterado para 7,5%, a partir de março de 2020, com a Reforma da Previdência), verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em maio, na média, 49,61% do salário mínimo líquido para comprar os alimentos básicos para um pessoa adulta. Em abril, o percentual foi de 50,00%.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos (tomada especial)
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – maio de 2020

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação anual (%)	Variação em 12 meses (%)
Rio de Janeiro	558,81	2,66	57,81	117h38m	8,11	13,36
São Paulo	556,36	0,02	57,56	117h08m	9,84	9,72
Vitória	536,73	-0,22	55,53	113h00m	7,51	10,70
Curitiba	531,27	3,92	54,96	111h51m	15,78	17,70
Florianópolis	524,07	0,05	54,22	110h20m	2,42	7,41
Porto Alegre	518,63	-1,59	53,65	109h11m	2,44	4,54
Goiânia	505,99	2,59	52,35	106h31m	11,27	18,96
Belo Horizonte	484,02	-0,11	50,07	101h54m	8,79	13,93
Campo Grande	455,35	-8,14	47,11	95h52m	1,17	7,40
Fortaleza	455,18	-5,65	47,09	95h50m	4,97	2,42
Belém	453,36	4,42	46,90	95h26m	9,47	8,45
Recife	451,45	-2,13	46,70	95h02m	14,64	8,04
Brasília	441,09	-6,38	45,63	92h52m	-6,92	-9,48
João Pessoa	440,25	0,53	45,55	92h41m	17,85	9,09
Natal	429,57	0,30	44,44	90h26m	11,94	5,79
Salvador	410,33	-3,48	42,45	86h23m	13,82	4,42
Aracaju	400,15	-0,30	41,40	84h14m	13,69	-1,96

Fonte: DIEESE

Principais variações

- A **batata**, pesquisada no Centro-Sul, teve o preço majorado em 9 das 10 cidades. Em Goiânia e Campo Grande, o aumento superou 55,00%. A alta registrada foi causada pelas chuvas e pelo fim da safra das águas, que reduziram a oferta de tubérculos.
- O **feijão** apresentou alta em 15 das 17 capitais pesquisadas e, mesmo que caiba alguma relativização por conta da coleta de preços especial, os aumentos foram expressivos. O tipo carioquinha, pesquisado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, variou entre 4,30%, em João Pessoa, e 24,56%, em Belém. Em Brasília e Campo Grande, houve redução no valor médio. Já o preço do feijão preto, pesquisado nos municípios do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, subiu mais na capital carioca (15,11%). A alta no preço do feijão carioquinha ocorreu devido a problemas climáticos, que fizeram cair a oferta do grão de qualidade. No caso do tipo preto, a demanda cresceu.
- O preço médio do **arroz agulhinha** ficou mais alto em 13 capitais, com destaque para Belo Horizonte (8,71%) e Aracaju (7,92%). Em São Paulo, a alta foi de 2,08%. A menor demanda interna, devido à pandemia, fez com que os produtores direcionassem parte da produção para a exportação, atraídos pela desvalorização cambial.
- A **farinha de trigo**, pesquisada na região Centro-Sul, teve alta nos preços em oito das 10 capitais, com destaque para São Paulo (12,56%). Demanda aquecida por derivados de trigo e câmbio desvalorizado encarecendo a importação explicam a alta do produto.
- A **farinha de mandioca**, coletada no Norte e Nordeste, registrou aumento em cinco das sete capitais, o mais expressivo em João Pessoa (19,55%). A alta se deve à baixa oferta da raiz.
- O preço da **banana** diminuiu em 13 cidades em relação a abril, com destaque para Belo Horizonte, onde o valor caiu quase 20,00%. Em São Paulo, a queda foi de -2,78%. As retrações são atribuídas à menor demanda, por causa da pandemia.
- O **tomate** apresentou redução de valor em 15 cidades. Em Campo Grande e Fortaleza, entre abril e maio, as variações foram, respectivamente, de -38,21% e -31,74. Menor

demanda devido à quarentena e maior oferta, com a colheita da safra de inverno, reduziram as cotações do fruto.

São Paulo – Números de maio

- Valor da cesta: R\$ 556,36.
- Variação mensal: 0,02%.
- Variação no ano: 9,84%.
- Variação em 12 meses: 9,72%.
- Produtos com alta de preço médio em relação a abril: batata (20,23%), farinha de trigo (12,56%), café em pó (9,18%), feijão cariocinha (6,41%), arroz agulhinha (2,08%), carne bovina de primeira (0,80%) e pão francês (0,76%).
- Produtos com preços estáveis entre abril e maio: óleo de soja e manteiga.
- Produtos com redução de preço médio em relação a abril: tomate (-14,68%), açúcar refinado (-3,64%), leite integral (-3,15%) e banana (-2,78%).
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: 117 horas e 08 minutos.
- Percentual do salário mínimo líquido gasto para compra dos produtos da cesta para uma pessoa adulta: 57,56%.